

## LATIM: LÍNGUA AVANÇADA DO SÉCULO XXI

*José Jerônimo de Moraes  
Prof. Titular do  
Dep. de Letras*

### RESUMO

*Probabilidades de permanência do Latim, de seu espírito. Pontos de vista polêmicos e motivos subjacentes. A Universidade, o Curso de Letras, seu currículo com Latim. Sitientibus. Conclusão em esperança.*

Não é piada. É um dado. Hipotético.

Motivo: não é o saudosismo. Nem pretexto para garantir o emprego, na dependência do mercado: já estou pensando em aposentadoria. Também não é caduquice.

Simplesmente probabilidade. Na mesma proporção que tem o Brasil de vir a ser língua interplanetária (lembrem-se que o Brasil estará entre as primeiras potências espaciais, em futuro próximo)... ou que tem a tele-pato-comunicação de preencher o grande vazio da desativação progressiva dos sistemas lingüísticos ora vigentes... ou que tem a Grande Noite de se abater sobre os restos de uma humanidade neutron-acidentalmente-bombardeada!

A probabilidade de que seja o Latim o premiado, nesta loteria das mudanças aceleradas e surpreendentes que os veículos de massificação subliminam (sic), vêmo-la patente no tic-tac cíclico das modas: materialismo e permissividade estão conseguindo um ideal de vida pagã impagável para uma impagável minoria, que deixa os renascentistas num complexo de inferioridade que nem Gallup, nem Ibope algum alcança!

Ora, a reação já se está fazendo sentir nos apelos e respostas de espiritualismos

orientais e ocidentais, extremados. E, novamente, o tic-tac cíclico das inovações fará soar a hora de retorno à velha Roma, pragmática, sem extremos: **In Medio Virtus**, ou seja: a força da equidistância! Pois bem, o Latim é equidistante. Entre os monossílabos trogloditas e o blabláblá via satélites.

O inegável, porém, é que o Latim é polêmico. Enquanto o diretor da revista *Latinitas* (Roma) propõe um programa em latim na TV italiana, o III Encontro Nacional dos Estudantes de Letras (III ENEL), no Ceará, identifica, nos currículos, “*elementos mantenedores da dominação*”, entre os quais, possivelmente, o Latim; enquanto no Brasil se eliminava o Latim na Escola Secundária, editava-se e adotava-se, nos Estados Unidos, um manual com o título: **Our Latin Heritage**<sup>1</sup>; enquanto muitos lamentam o terem ainda de estudar (?) Latim, Millor Fernandes humoriza em latim... e não deixa de ser irônico que o “*Alea iacta est*” de César junto ao Rubicão — limite aos generais armados que voltavam a Roma — venha ser palavra de ordem e senha no plano mais recente de fuga para o dr. Osny, em São Paulo!

O Latim, porém, é antes de tudo um pretexto, a oportunidade de tomadas de posição. Em última análise, o confronto é entre uma mentalidade de eficiência, na produção material (sociedade industrial) e outra, de estética e ética, de realização cultural (sociedade ante- e pós-industrial), cf. Spekke<sup>2</sup>. Na primeira perspectiva, uma mão-de-obra capacitada, ainda assim barata, sobretudo alienada das questões humanas, é a contrapartida ideal de uma elite que pensa, planeja e comanda, no modelo bem retratado pelo professor Arapiraca<sup>3</sup>.

Embora com uma defasagem de quase 30 anos, a leitura da obra de Ernesto Faria<sup>4</sup> trará muita luz na compreensão dos nossos descaminhos de reformas do ensino. Fundamentará menos emocionalmente e mais historicamente nossas razões pró ou contra, dentro da já secular “*Querela dos Antigos e Modernos*”. Veremos que a exigência de incorporar novos dados da cultura, necessariamente não impõe rutura e rejeição quanto ao patrimônio de tantas gerações no tempo e no espaço. A originalidade *ex nihilo* não será um preconceito também?

Não causa-menor de resistência e má vontade para com a língua na qual “*Vênus bela/Afeiçoada à gente lusitana*”, no dizer de Camões<sup>5</sup>, “*quando imagina/Com pouca corrupção crê que é a Latina*”, certamente foi a questão da sincronia x diacronia, marcante entre lingüistas da 1ª fase, adotada pelos nossos estruturalistas. De fato, uma posição irônica só seria possível quando os argumentos contrastantes sedimentassem, transparecendo “*a articulação dos opostos na apreensão da realidade*”. Reconhecer a possibilidade de se aprender a falar, ler, escrever, mesmo sistematicamente, a língua nativa, ou outra, ficando-se numa abordagem inteiramente sincrônica dos fatos, do **nunc**, ou do **tunc**, sem referências ao **ante** e ao **post**, — conceder a validade metodológica desta posição, é intrigante para quem aprendeu uma língua histórica. Reconhecer, no entanto, a inconveniência

de se aprender-para-ensinar, sem uma abordagem diacrônica dos fatos lingüísticos, — conceder que isto é empobrecer a dinâmica do saber, não faz sentido para quem aprende/ensina, visando uma aplicação imediatista das informações...

Entre as alternativas do “*esse aut non esse*”, a Universidade de Feira de Santana (UFS) optou pela inclusão da Língua Latina em seu Curso de Letras, como requisito para Filologia Românica, outra tomada de posição geradora de controvérsia. E cuja solução não seria o truque da edição *Vozes do Dicionário de Filologia e Gramática*<sup>6</sup>, de Mattoso Câmara, mudando o título, sem refundir o conteúdo: *Dicionário de Lingüística e Gramática*<sup>7</sup>. A UFS, além de manter a tradição do latim no Currículo de Letras, quis ainda inscrever, na concepção artística de seu brasão pelo Irmão Paulo Lachenmayer (ao qual se refere Cid Teixeira<sup>8</sup> em sua coluna no *Jornal da Bahia*), unindo a beleza heráldica com a vocação peregrina da Feira de Santana e o ideal humanístico da Educação, a palavra — sentença: *Sitientibus (aos que têm sede)!*

Exatamente nessa perspectiva de que, em sua maioria, aqueles que vêm à universidade tenham verdadeira sede de verdadeiro saber, e que saber não é salário a ser fixado pelo mínimo, sobretudo quando não é saber para erudição, mas para habilitação em Letras, mostra-se conveniente um currículo enriquecido, que possibilite uma larga margem de informações e ilações, além do estritamente necessário ao cumprimento medroso de um mesquinho programa de 19 ou 29 grau.

Justifica-se, assim, o estudo do latim, como subsídio nas áreas das Línguas e das Literaturas, além de seu valor como reforço de uma disciplina mental indispensável no desenvolvimento do trabalho intelectual, feito de análise, correlações e generalização. Dentro deste espírito, os objetivos do ensino/aprendizagem da Língua Latina, embora com duração e carga-horária insuficientes, devem ser ambiciosos, sem deixar de ser realistas. E que podemos, realisticamente, ambicionar, docentes e discentes do Latim? — Manuseio inteligente do dicionário latino, como fonte informativa dos sistemas de flexão nominal e verbal, das estruturas vocabular e frasal, do legado semântico e etimológico das línguas românicas; reconhecimento diacrônico, nos vários elementos dos sintagmas sujeito e predicado, dos morfemas flexionais, decodificando citações latinas e interpretando-as, no contexto das ocorrências da Língua, Literatura, História, Filosofia, Direito, Religião, Artes e Ciências...

Em que mais se há de insistir: no próprio ou no comum? Voltamos, com a indagação, ao sentido de futuro, não do Latim em si, mas de um modo de ser humano, maior que a própria civilização em seus momentos e feições transitórias. A Humanidade avançará em termos de nacionalismos, marcados ideologicamente e com aparatos bélicos, ou de culturas abertas e integradas, em comunidades proporcionais à autenticidade de relações pessoais? Comunidades que, entre si,

valorizariam os dados comuns, numa convivência plenificadora? Existiriam, ainda e como sementeira, comunidades com um denominador/lingüístico significativo? A velha România, européia, mais a nova, americana (centro-sul)? Este *homo latinus* com sua cultura, porque se há de perder em nome de uma originalidade fictícia, de uma autenticidade murada? Não seria em perda de todo o vir-a-ser humano?

Contudo, esta linha de reflexão não quer despistar outras perspectivas de fundo filosófico ou lingüístico, para as quais o Latim pode representar uma postura reacionária e alienante. O nosso posicionamento não o é. E vemos validade nos questionamentos de Roberto Gomes em sua *Crítica da Razão Tupini-quim*<sup>9</sup>, de Herbert Parentes Fortes em *O Ensino da Língua e a Crise Didática na Expressão e Comunicação*<sup>10</sup>. Parodiando Tomás de Aquino em seu princípio teológico de que "*gratia non tollit, sed perficit naturam*", direi: o novo não deve destruir, mas perfeccionar o antigo. No que ele tem de perfectível, evidentemente. E o tem, porque foi capaz de produzir obras de arte e de conduta inegáveis; e ingrediente perecível, o novo também o traz em si.

A modo de conclusão, provisoriamente, perguntaria: o nosso humilde e ingrato trabalho, num Curso de Letras com Latim, não teria o valor do de guardiães de um rumo e de um prumo salutares para o Homem? Nós o cremos e, com Paulo Rónai<sup>11</sup>, desafiamos a nova geração: *Não Perca o Seu Latim*, sua latinidade, que não contradiz sua modernidade, sua brasilidade!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. HINES, Lillian M. et alii. *Our latin heritage*. New York, Harcourt, Brace et World, 1966. p. 434.
2. SPEKKE, Andrew A. *Os próximos 25 anos: crise e oportunidade*. São Paulo, Cultrix, 1977. p. 430.
3. ARAPIRACA, José Oliveira. *A Usaid e a educação brasileira*. São Paulo, Autores Associados/Cortez, 1982. p. 190.
4. FARIA, Ernesto. *Introdução à didática do latim*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959. p. 374.
5. CAMÕES, Luís de. *Os Lustadas*. [s. l.], MEC, 1972. p. 49-101. Canto I, 33.
6. CÂMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática*. 2. ed. Rio de Janeiro, J. Ozon, 1964. p. 369.
7. \_\_\_\_\_. *Dicionário de lingüística*. 7. ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1977. p. 266.
8. TEIXEIRA, Cid. Lembranças de São Bento. *Jornal da Bahia*. Salvador, 17, out., 1982. 2. cad. p. 8.

9. GOMES, Roberto. *Crítica da razão tupiniquim*. 5. ed. São Paulo, Cortez, 1982. p. 112.
10. FORTES, Herbert Parentes. *O ensino da língua e a crise didática na expressão e comunicação*. São Paulo, GRD-INL/MEC, 1981. p. 241.
11. RÓNAL, Paulo. *Não perca o seu latim*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. p. 261.